

ALMEIDA, Rute Salviano; PINHEIRO, Jaqueline Sousa.  
**Reformadoras: Mulheres que influenciaram a reforma e ajudaram a mudar a igreja e o mundo.** Rio de Janeiro: Godbooks, 2021, 240 p.

Clara Schettini \*

A história que aprendemos no ensino fundamental é repleta de grandes figuras e acontecimentos que, de maneira geral, giram em torno de homens, na sua maioria brancos e com poder político, social ou religioso. Uma nova corrente de estudos busca encontrar narrativas que foram esquecidas, ou propositalmente apagadas da história, nas mais variadas áreas e vertentes do saber. Rute Salviano Almeida terminou o mestrado pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo em 2000, e em sua dissertação escreveu sobre mulheres da reforma protestante, o que deu origem ao primeiro livro “Uma voz feminina na Reforma”, de 2010. Esse primeiro livro foi seguido por várias outras publicações na mesma temática. Ganhou o prêmio Areté, promovido pela associação de editores cristãos, em 2015. Em 2021, seu livro “Reformadoras”, escrito em parceria com Jaqueline Sousa Pinheiro, foi publicado pela editora Godbooks. A coautora, Jaqueline Sousa Pinheiro tem sua vida acadêmica desenvolvida na área das línguas, mais especificamente na língua inglesa, tradutora e revisora do mesmo idioma.

O livro conta a história de diversas mulheres que viveram em países europeus e que têm em comum o envolvimento com a reforma religiosa que se deu após a exposição das 95 teses de Martinho Lutero, em 1517, na porta da igreja do castelo de Wittenberg. A Reforma Protestante, como ficou conhecida, é um capítulo da história ocidental divulgada e estudada no ensino fundamental,

---

Resenha recebida em 24 de agosto de 2022 e aprovada em 10 de novembro de 2023.

\* Mestranda em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco -UNICAP. Graduada em História – UNICAP. Agência de Fomento: PROSUC. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-9502-4085. E-mail: claravarjaoschettini@gmail.com.

entretanto, os personagens que são citados e estudados nesses espaços educacionais são masculinos. Através de uma pesquisa em outros trabalhos já existentes e em fontes, como correspondências e diários, o livro se dispõe a falar sobre a vida de diversas mulheres que se envolveram no movimento da reforma e que, muitas vezes, tanto influenciaram os resultados desse movimento, quanto foram perseguidas, excluídas do meio social em que viviam e até mesmo executadas.

A obra começa com uma breve apresentação, um prefácio e as palavras iniciais que buscam situar o leitor sobre o tema que será abordado. Explica um pouco como se dará a divisão dos capítulos, que as autoras dividem por tópicos dentro dos quais estão agrupadas as histórias de mulheres que se encaixam por alguma similaridade, podendo ser o país onde elas atuaram, sua posição como esposa, ou alguma outra posição social. Cada subtópico recebe o nome de uma dessas mulheres e no seu desenvolvimentos é explicada sua origem, um pouco sobre sua vida, como essa mulher se envolveu e influenciou o movimento reformador do seu período e seu legado.

A primeira parte do livro, após os capítulos introdutórios, fala sobre as escritoras apologéticas da Reforma que não tiveram apoio e foram perseguidas por sua posição de escrever e falar sobre o evangelho. São citadas, no livro, Argula Von Grumbach, nascida em 1492 na Alemanha, que conheceu Lutero e se tornou panfletista da causa Reformista. Maria Dentièrre, que nasceu em Flandres por volta de 1495 e ainda jovem ingressou em um convento e tornou-se abadessa em 1521; abandonou o convento e casou-se com um ex-padre, que se tornou pastor e o auxiliava na tradução de textos bíblicos do hebraico. Escreveu diversas cartas, sendo a mais conhecida delas “A epístola muito útil”, escrita à rainha Margarida de Navarra, onde defendia que as mulheres conhecessem o evangelho. Para finalizar as escritoras da Reforma é apresentada a história de Olympia Morata, nascida em Ferrara, na Itália, em 1526, educada desde cedo pelo pai, tendo sua erudição reconhecida em seu país. Escreveu poemas e cartas promovendo a reforma protestante, fazendo uma transição entre uma vida de educação clássica para um intenso compromisso com a Reforma.

A segunda parte fala sobre as mulheres da nobreza francesa e de seu papel em um meio onde a política e a submissão às ordens da igreja católica tinham influência profunda nos rumos das dinastias. Uma delas, Margarida d'Angoulême Orleães e Valois, que viria a ser a rainha de Navarra, nasceu em 1492. Abrigou em seu castelo, em Nérac, sendo rainha, protestantes perseguidos. Essa sempre foi sua posição, proteger os perseguidos. Margarida também escreveu, sendo uma de suas obras “Espelho da alma pecadora” onde denuncia abusos do clero e enfatiza a necessidade de uma reforma na igreja católica. Outra nobre foi Renata, nasceu em 1520, filha de Luís XII e Ana. Tendo ficado órfã muito cedo foi criada por Margarida de Navarra. Protegeu e acolheu diversos protestantes que estavam sendo perseguidos, conseguiu isso devido a sua linhagem real e posição privilegiada na sociedade. Entre os acolhidos por ela está Calvino, que manteve correspondências com ela após esse período de proteção, por trinta anos. As guerras religiosas na França fizeram com que ela transformasse um de seus castelos em refúgio para centenas de huguenotes. Por último, nessa categoria de mulheres nobres, Joana IV de Navarra, herdeira de Henrique e Margarida. Nasceu em 1528 e fundou, nos seus últimos dez anos de vida, a igreja reformada de Béarn, em Navarra. Ao longo de sua vida teve vários desafios e um deles foi quando aboliu o catolicismo do seu reino, Navarra, causando conflitos religiosos na região, dentre esses a “noite de São Bartolomeu”, que aconteceu pouco tempo depois de sua morte.

A parte três do livro traz a história das esposas dos reformadores. Na introdução desta parte recebemos a informação de que essas mulheres exerceram um papel significativo na sociedade, pois acolhiam perseguidos e tinham acesso à leitura das escrituras etc. Entretanto, no entendimento dos reformadores, o seu papel não foi mudado, já que a mulher era submissa ao homem e, segundo Lutero, “o domínio da mulher jamais produziu alguma coisa de bom” (LUTERO apud BRENTANO apud ALMEIDA; PINHEIRO, 2021, p. 104). Inicia-se os relatos dessas esposas com Catarina Zell, esposa de Mateus Zell, que nasceu em 1497 na província de Estrasburgo. Por volta dos 26 anos conheceu e se apaixonou pelo ex padre, Mateus Zell, que já havia sido proibido de subir ao púlpito por suas missas fugirem dos padrões aceitos pela igreja católica. Ele foi um dos primeiros padres excomungados devido ao seu casamento. Seu papel era, na sua visão, melhorar

as condições sociais na cidade e mesmo depois da morte de seu marido ela se manteve ativa nesse propósito, mesmo sendo perseguida pelos próprios líderes luteranos, avessos ao papel público da mulher. A próxima mulher é Catarina Von Bora que nasceu em 1499, na Alemanha e foi morar em um convento aos 10 anos, tornou-se freira enclausurada aos 16. Quando os escritos de Lutero começaram a circular, ela e as freiras que moravam com ela entraram em contato com esses escritos e conseguiram a ajuda do próprio Lutero para fugir do claustro. Os ajudantes da fuga, é significativo, providenciaram casa para acolher essas ex freiras, buscando inclusive casá-las. Catarina não teve, inicialmente, seu destino resolvido, mesmo sugerindo que se casasse com Lutero, o que não foi levado a sério a princípio, mas acabou acontecendo. O que se sabe de Catarina, de maneira geral, vem dos escritos de Lutero, a luta pela presença das mulheres no espaço de liderança religiosa não foi uma luta dela, além de cuidar do marido e da casa ela soube organizar as finanças da família também. Como dito anteriormente, Lutero via a mulher como submissa e incapaz de exercer um papel público e na sociedade, apesar de Catarina ter se assegurado financeiramente. Com a morte de Lutero ela não conseguiu garantir o direito sobre suas propriedades e sofreu de diversas formas, inclusive financeira. Concluindo essa lista de esposas de reformadores aparece Idelette de Bure, que viria a ser esposa de Calvino, nascida em 1507 na Bélgica. Ela era anabatista, casada e com dois filhos, quando, junto com o marido, conheceu Calvino, que os ensinou e conseguiu mudar algumas crenças da família. O marido dela acabou morrendo no surto da peste bubônica em 1540. Casou-se então com Calvino, que relutara em encontrar esposa por algum tempo, mas acabou aceitando que este era o melhor caminho. Tiveram uma vida atribulada, sofreram perseguições, os filhos que chegaram a ter morreram pouco após o nascimento, mas ela se manteve sempre ao lado do marido, cuidando de seus afazeres domésticos e aconselhando e amparando os necessitados. Morreu cedo, com apenas nove anos de casada, e Calvino nunca voltou a se casar.

O quarto grupo de mulheres reformadoras são as inglesas, todas fizeram parte da nobreza desse país onde houve uma ruptura com a igreja católica após o rei Henrique VIII ter seu pedido de anulação do seu casamento negado. Dessa ruptura surge a igreja Anglicana, da qual o rei é líder supremo e tem poder de

decisão. Apesar de romper com a igreja católica, suas doutrinas e ensinamentos não se diferenciam muito. A primeira mulher citada é Catarina de Parr, a sexta esposa do rei Henrique VIII, nascida em Londres, em 1512. Antes de se casar com o rei, ela foi viúva duas vezes e quando o rei a escolheu para se casar, sabendo que outras duas esposas do rei foram executadas, resolveu não o contrariar. Tinha o costume de estudar a Bíblia e foi esse interesse e sua natureza erudita que a aproximou da fé protestante. Quando o rei se ausentou da Inglaterra, teve atitudes pró-protestantes que causaram incômodo entre os membros mais conservadores da nobreza que passaram a persegui-la e tentar acusá-la das mais diversas ações heréticas. Apesar das armações e perseguições ela conseguiu escapar de maneira inteligente fingindo submissão às ideias religiosas do marido. Depois da morte do rei, casou-se novamente, engravidou e teve uma filha, mas morreu pouco depois de febre puerperal. Anne Askew nasceu em 1521 em Lincolnshire, fazia parte da nobreza, e converteu-se ao protestantismo devido à sua leitura da Bíblia. Falava abertamente sobre os ensinamentos da Bíblia e isso fez com que seu esposo a expulsasse de casa. Sua posição na sociedade e sua recusa de calar-se sobre sua crença trouxeram-lhe perseguições e problemas diversos. Ela acabou sendo presa e só conseguiu ser libertada por ajuda da família e amigos, pois se recusava a negar suas crenças. Ela chegou a registrar tudo que passou no período em que estava presa, o que incluía torturas. Foi presa uma segunda vez, sendo essa fatal. Condenada à morte, foi queimada na fogueira. A última reformadora a que o livro faz menção é Jane Grey, nascida em 1537 na Inglaterra e que era a quarta na linha de sucessão do rei de Henrique VIII. O então primeiro-ministro, John Dudley, temendo que o catolicismo voltasse através de um dos herdeiros do rei, convenceu Jane Grey a casar-se com seu filho e, depois, convenceu o então rei, Eduardo, de 15 anos, que estava muito doente, a mudar o testamento do pai, deserdando suas duas irmãs. Assim, Jane foi coroada rainha com a morte de Eduardo, mas seu reinado durou apenas dez dias, pois logo Maria, uma das irmãs e a herdeira original, conseguiu seu trono de volta. Apesar de não ter arquitetado o plano, Jane foi presa por traição junto com outras pessoas próximas. Na prisão escreveu algumas cartas e não aceitou as tentativas de fazê-la mudar suas ideias em relação à religião. Ela foi executada aos 16 anos de idade.

O livro conta com um apêndice, que traz trechos de algumas obras dessas reformadoras e em seguida traz referências e notas. A obra nos mostra histórias deixadas de lado na maioria dos estudos sobre religião e apesar de não ser uma narrativa neutra, pois podemos ver o posicionamento das autoras através dos adjetivos empregados na escrita, existem informações valiosas para a pesquisa sobre mulheres na religião, quando conseguimos entender de onde vem essa narrativa. Outro ponto que pode ser melhorado são as notas, que aparecem no final, fazendo com que toda vez a leitura seja interrompida com a busca pela explicação no final do livro, tornando a leitura quebrada e menos fluida. Em algumas partes do texto existe um maior aprofundamento em personagens específicos que, provavelmente, são os que têm mais fontes. Como pesquisadora o livro contribuiu, juntando-se a outras fontes, como auxiliar com o uso das referências existentes na obra. Possibilitou-me enriquecer a pesquisa voltada para essa área, estando atenta às possíveis interferências causadas pelas opiniões das autoras.